



PROJETO PERFORMANCE

entrevista

FOLIA DE REIS PENITENTES DO SANTA MARTA

por Marcelo Asth

No dia 21 de abril de 2018, visitei uma festa da Folia de Reis Penitentes do Santa Marta, realizada no Morro do Santa Marta, próximo ao bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro. A festa foi realizada em um grande salão de uma escola situada na parte baixa da comunidade. Essa Folia teve sua origem na década de 1950 e já contou com diversos Mestres – pois quando um Mestre falece, outro folião mais experiente o substitui. Neste dia, a grande festa aberta a toda a comunidade contava com uma exposição de fotografias e um documentário sobre a história dessa Folia de Reis, com o oferecimento gratuito de comidas (como churrasco e cachorro quente) e bebidas (como refrigerante e muita cerveja) e a apresentação da Folia. Esse evento, especificamente, serviu como a “entrega dos trabalhos” realizados pela Folia de Reis Penitentes do Santa Marta neste ano, como uma espécie de agradecimento pelos trabalhos feitos e por todas a proteção e bênçãos recebidas pelos seus foliões. A partir dessa data, apenas apresentações esporádicas são feitas, a partir de convites, como o do Convento das Carmelitas para agosto de 2018. Somente em outubro começam os ensaios, que vão até o último sábado de novembro, para as apresentações de dezembro e janeiro, que são mais constantes.

Em entrevista ao Mestre Riquinho (José Henrique Silva), responsável pela coordenação do “Penitentes” há nove anos e folião há mais de 50 anos, obtive a seguinte resposta sobre qual seria a importância do idoso na folia de Reis:

O idoso é quem conhece a história. O idoso é que tem que passar pros mais jovens a história. Foi assim comigo... quando eu comecei com 10 anos de idade eu não sabia nada. Entendeu? O meu pai e outros Mestres que passaram pra mim. A importância do idoso é essa. Sem o idoso a história não acontece.



Acima, Mestre Riquinho, comandante da “Penitentes do Santa Marta” e Maria Rita Lourenço, Alferes da Bandeira. Fotografia de Marcelo Asth.

Abaixo, Victor Rodrigo, sobrinho-neto de Mestre Riquinho, apresentando o chapéu que ele mesmo ornou. Fotografia de Marcelo Asth.



Já seu sobrinho-neto, Victor Rodrigo dos Santos Silva, de 12 anos (há três anos folião), afirma que o idoso, através da oralidade, passa os ensinamentos da folia, contando a história dos 3 Reis Magos através dos cantos. Victor tem uma relação familiar¹ com essa manifestação cultural, mas afirma que outros jovens e crianças da comunidade também têm uma abertura para a Folia de Reis, por esta ser muito popular no Morro Santa Marta – o que faz aumentar a procura pela escolinha de Folia de Reis, onde aprendem tudo. Para além da Escolinha, Mestre Riquinho alega que o conhecimento é passado para outras gerações através da “insistência”:

Em 50 anos você querendo ou não, aprende a cantar Folia de Reis. Os cantos e os toques você vai aprender naturalmente. Você fica 50 anos, 30 dias por ano, ouvindo e cantando, ouvindo, cantando e tocando. Eu acho que, por menos capacidade que a pessoa tenha de aprender, ela vai aprender, pela insistência. Agora, a história você tem que ouvir, prestar atenção e começar a entender. As dúvidas, você vai ao Mestre e tira as dúvidas. Pergunta aos mais velhos e tira a dúvida.

A influência da Folia de Reis na vida dos foliões integrantes é grande, não somente pela manifestação festiva e performática que promove uma integração entre os componentes e o

¹ Victor é neto do Mestre de Palhaços, sobrinho-neto do atual Mestre e bisneto do falecido Mestre Diniz, que conduziu a Folia de Reis Penitentes do Santa Marta durante anos. Victor diz que quer um longo futuro nesta Folia e quem sabe um dia, virar Mestre de Folia.

compartilhamento de momentos felizes, como pelo sentido da fé e da devoção, do compromisso com a tradição e com a religiosidade. Pergunto ao Mestre Riquinho se a Folia de Reis está mais ligada à fé ou à festa. Ele responde:

É mais fé, é mais fé. Folia de Reis é assim... não é uma religião, mas tem muito de religiosidade. Muito, muito. E a gente, então, que tem muito tempo de folia, a gente presencia várias histórias, e aí, fica difícil depois alguém chegar pra gente e falar: "não é". Fica difícil... Porque a gente presencia vários acontecimentos.

Em relação a essa questão, a fé não passa somente pelas crenças e agradecimentos por uma proteção divina, mas pelo fato de a Folia de Reis ser uma motivação para a vida de seus componentes, mantendo-os afastados de condutas ligadas ao crime e aos vícios, como confirma a mãe de Mestre Riquinho, a Pastorinha da Folia Dona Maura Giordino Silva, de 83 anos, viúva do Mestre Diniz, reconhecido na comunidade e em outras Folias. Dona Maura afirma ter um envolvimento com a Folia desde que se casou aos 17 anos com Mestre Diniz, ao se mudar para a comunidade do Santa Marta e viver sua vida inteira, junto ao marido e aos filhos, cumprindo todo o calendário de eventos ao longo desses anos, compondo a Folia com muito respeito à tradição – "Muitos anos, muitos anos, não sei nem te dizer a quantidade de anos". Ao conversarmos sobre a fé nesse meio, ela afirma: "não é falando porque esses 'é' meus filhos não, mas não parece que nasceu e criou no morro do Santa Marta. Porque é completamente diferente, sabe? Não se mete no meio de vagabundagem, nada disso. Nunca usaram negócio de droga, nem meu marido nem o pai também, graças a Deus". Com aparente orgulho em sua fala pela importância da tradição para a formação educacional e dos valores de sua família, Mestre Riquinho diz que dos sete filhos de Dona Maura: "Nenhum deu pra bandido, pilantra, cafajeste... isso tem influência da Folia de Reis. Tem influência dos Reis, tem a proteção divina, com certeza tem. Porque você criar um filho numa comunidade dessas é difícil, é muito complicado".



Dona Maura Giordino, 83 anos, Pastorinha do "Penitentes do Santa Marta", viúva de Mestre Diniz e mãe de Mestre Riquinho. Fotografia de Marcelo Asth.

Nem sempre a relação do integrante com a Folia de Reis parte da família, mas às vezes da necessidade e do sentimento de pertencimento à comunidade. Luiz Soares de Abreu, sanfoneiro de 69 anos, está há dez anos na Folia de Reis Penitentes do Santa Marta e diz ter sido convidado após a morte do outro sanfoneiro em serviço, assumindo o posto. O cearense Seu Luiz, radicado no Rio de Janeiro há mais de 40 anos, afirma que só conheceu a fundo a tradição a partir deste convite: "Porque lá no Norte a gente tem conhecimento, mas lá é outro nome, é reisado, né?". Pergunto também ao sanfoneiro o que ele pensa sobre o papel do idoso nessas performances populares brasileiras, ao que ele replica:

Eu acho que a importância dele maior é na parte da experiência, né? Manter a tradição, levar ao conhecimento dos jovens, mostrar essa cultura, que é uma tradição... e não deixar morrer. Acho que é isso. Os idosos têm mais essa responsabilidade de manter viva essa cultura. E de geração para geração. Por exemplo: quando eu conheci já era o pai deles aqui, mas já teve outros que vieram e passaram pra eles. Ele faleceu, agora assumiu o filho dele e tá dando continuidade.



Seu Luiz, sanfoneiro da "Penitentes". Fotografia de Marcelo Asth.

O afeto entre os integrantes é nítido, a partir de minha observação ao visitar a Folia de Reis Penitentes do Santa Marta. Não só observado no compartilhamento dos alimentos em fartura feito no início da festa, mas no que tange à performatividade do idoso neste evento. Mestre Riquinho recita versos não completamente compreendidos em seu conteúdo, pela força da percussão, pelas caixas de som precárias e por um registro vocal próprio dos cantadores populares, não prezando por uma dicção que esclareça toda a história narrada, mas sabendo que o que está sendo cantado está sendo cumprido como entrega de seus trabalhos. Os que estão há mais tempo na tradição, decoram os cantos e cantam juntos. Em determinado momento, o Mestre se direciona a cada folião integrante, durante execução musical, e dá um forte abraço acompanhado de palavras ditas aos pés dos ouvidos, como possível

agradecimento por pertencer àquele grupo e como uma espécie de bênção passada. A Pastorinha da Folia de Reis se emociona. A foliã Maria Rita Lourenço – que leva a Bandeira, mais alto símbolo da Folia –, também chora, mas exibindo um sorriso de felicidade. Para os mais novos foliões, observar de dentro essas emoções, essas demonstrações de afeto e a vivacidade e respeito com que os mais velhos aplicam ao fazer, já são grandes ensinamentos que ultrapassam os conhecimentos ritualísticos, ampliando a compreensão da festa para um sentimento de pertencimento a algo maior.



À esquerda, foliões em apresentação.

À direita, Mestre Riquinho se ajoelha aos pés da Bandeira da Folia, o mais alto símbolo da tradição. Ao lado da Bandeira a Pastorinha Maura Giordino, de 83 anos, sua mãe.

Atrás da Bandeira está quem a leva e a protege durante a performance da folia, a alferes Maria Rita Lourenço.

Fotografias de Marcelo Asth.



Buscando mais falas sobre essa importância do idoso na Folia de Reis, entrei em contato com diversos grupos atuantes pelo *Facebook*, porém quase todas as respostas às minhas indagações foram curtas demais ou bastante semelhantes em seus conteúdos. Porém, um dos foliões que respondeu a essa questão, forneceu um precioso relato, que compartilho a seguir:

Falar de companhias de Reis sempre me contagia. É uma mistura de fé e paixão e todas as companhias hoje ainda sobrevivem por causa do grande número de foliões mais velhos. Hoje, em Milagre – cidade onde represento duas companhias, “Ouro, Incenso e Mirra” e a “Estrela da Guia” –, posso te afirmar que 80% dos foliões são idosos e são de suma importância para as nossas companhias. Eles trazem experiências vividas e muita sabedoria. Sem contar que nos contagiam com seus causos e com sua alegria. Como dizemos aqui no interior, eles que tocam o barco e dão grande força para o nosso reisado, passam o ano inteiro falando das companhias e, quando mostramos e falamos a eles o quanto são importantes e quanto fazem por essa cultura, os sorrisos e o brilho no olho não tem dinheiro que pague. (...) Nos dias atuais são poucos os jovens que se interessam a aprender e acompanhar com seriedade. Mas vejo um avanço nos últimos anos e tenho certeza que essa cultura de fé nunca vai se acabar. E o que mais mexe comigo em particular é a superação de cada um, pois alguns têm problemas de saúde e passam o ano todo com dificuldades, mas quando chega dezembro parece que tudo se transforma e logo vêm eles com suas violas, violões e sem, dúvida alguma, com o poder dos Santos Reis. Reafirmo: não existiria até hoje Folias de Reis sem esses guerreiros da fé! (Júlio Santos, folião das Companhias “Ouro, Incenso e Mirra” e “Estrela Guia”, na cidade de Milagre – MG).

Visite o site:

www.projetoperformancia.com